



## DIFERENTES LINGUAGENS: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR DE PORTUGUÊS SOBRE GÊNERO

Autor (1) Rafaella de Sousa Silva; Co-autor (2) Ciro Linhares de Azevêdo

*Autor (1): Rafaella de Sousa Silva, Mestre em História - Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, lela\_cubati@yahoo.com.br*

*Co-autor(2): Ciro Linhares de Azevêdo, Mestre em História - Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, ciroufcg@hotmail.com*

### Resumo

Esse artigo tem por objetivo apresentar uma leitura sensível da narrativa de um professor de português, que iniciou sua carreira de magistério na primeira fase como pedagogo. Essa troca experiencial entre ouvir e contar suas experiências masculinas – grosso modo – em um cenário acostumado e associado ao feminino, faz desse texto um espaço de debate de performances de gênero no cenário escolar e para além deste. Naquilo que enquadra e naturaliza lugares que atravessam as práticas docente e discente, mas também relações binárias de identidades de gênero. Nesse sentido, buscamos problematizar papéis, identidades e identificações, que embebidas pela cultura, tem o poder de disfarçar-se nos aparatos cotidianos aparentemente mais comuns. Logo, traz um exercício de desconstrução de estereótipos, preconceitos e estigmas sobre as normas que cercam o ato de lecionar nas séries iniciais, assim como a normatização de “outros” sujeitos e espaços na escola. Visando contribuir com um novo olhar sobre o cenário escolar, nas suas possibilidades ou limitações. Provocando a uma reconfiguração de práticas pensadas como símbolos de uma normatização escolar moderna, que talvez não atenda ao que está fora da agenda convencional nesse cenário, mais recente.

**Palavras-chave:** Escola, docência, gênero e Identidade.

### Introdução

A intenção desse texto, é problematizar concepções de gênero e identidades que estão arraigadas no cenário da escola e, para além desta, atuando como um conjunto de normatizações sagazes, e como propõe Judith Butler (2003), performáticas. No sentido mesmo de uma repetição e construção cotidiana dos gestos, jeitos, gostos, posições, efeitos, e lugares estabelecidos, ditos e coercitivamente impostos ao feminino e masculino. Em um cotidiano rotinizado e estilisticamente produzido sob padrões heteronormativos, machistas, e muitas vezes, por isso também misóginos e violentos, em perspectivas concretas, por também serem simbólicas. Logo, é um exercício de

análise do cenário escolar, que embebido pela cultura, não questiona a própria socialização cultural das atividades desenvolvidas no seu interior, reforçando em muitos sentidos as naturalizações entre os sujeito, suas posições, inclusive profissionais, assim como suas funções práticas do dia a dia.

Essa leitura, tornou-se possível a partir de um arsenal prático-teórico, que se mesclou no decorrer da pesquisa de mestrado que gerou a dissertação intitulada “Gênero e sexualidades em intersecção e mo(vi)mento no cenário escolar cubatiense”<sup>1</sup>. Logo, é uma possibilidade reatualizada de questionar o cenário e os sujeitos envolvidos nas tramas cotidianas da escola. Que por sua vez se elastece em uma cadeia ininterrupta de relações de poderes (FOUCAULT, 1979) que atravessam muros e formas de ver a “si mesmo” e ao “outro”.

Para tanto, dialogaremos com a história oral, a partir da “história de vida” (ALBERT, 2005) de um professor de língua portuguesa, que passou dez anos lecionando como pedagogo na primeira fase, passou pela experiência de ser professor do Fundamental Maior e hoje ocupa um cargo de secretário de educação<sup>2</sup>. A partir das falas que nos foram gentilmente cedidas, faremos uma análise das concepções que envolvem corpo, angústia, deslocamento, afinidades, prática docente, identidades de gênero e construções simbólicas que atravessam uma configuração do cenário escolar, que hoje, talvez, esteja em desconstrução.

## 7

### 2 Deslocado és tu entre as mulheres?

Um dia, vivi a ilusão  
De que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino  
Tudo me daria  
Do que eu quisesse ter  
Que nada

<sup>1</sup> A pesquisa e dissertação citadas, foram construídas para obtenção do título de Mestre em História pela Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Campina Grande, no ano de 2014. Essa investigação de deu em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Cubati-PB, denominada Padre Simão Fileto. Em que eu, Rafaella de Sousa, busquei analisar como as relações de gênero e sexualidades estão interseccionadas, e como o cenário escolar é um campo fortuito de reforço ou desconstrução das concepções normativas que delimitam lugares para “dadas” relações que envolvem o feminino, o masculino e as sexualidades. Sendo um espaço, que muitas vezes, inclui para excluir. Sendo assim, esse artigo também é uma contribuição aos estudos de gênero e sexualidades que se intrigam com o caráter normatizador das relações (extra)escolares naquilo que tange a essas categorias. Ao mesmo tempo, é um campo profícuo de releitura e questionamento desses “dados” lugares, permissões e interdições que envolvem os diferentes sujeitos escolares.

<sup>2</sup> No decorrer desse texto e das apresentações dos trechos das entrevistas que nos foram cedidas, serão utilizados nomes fictícios, porém todo o contexto que cerca as narrativas fazem parte do cotidiano vivenciado na pequena cidade de Cubati-PB, que se situa no Seridó Oriental paraibano. Para mais informações ver: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-cubati.html>.

Minha porção mulher  
Que até então se resguardara  
É a porção melhor  
Que trago em mim agora  
É que me faz viver<sup>3</sup>

Partindo da canção de Gilberto Gil, que a epígrafe apresenta um trecho, entendemos que a linha tênue que separa masculino e feminino não dá conta daquilo que transpassa a ambos, gerando um sujeito outro, no entrecruzar de pernas, características, gostos, deslocamentos e reterritorializações. Sendo assim, como são significadas e resignificadas as memórias de gênero cedidas nesse encontro com a docência da séries iniciais nos anos 1990? Dos quais a distância e proximidade dessas lembranças percorrem corpos em escritas de si e dos outros.

Nesse caso, a narrativa de um professor de português que iniciou sua carreira no magistério de primeira fase nos anos 90, como professor polivalente, correlacionam à construção da identidade docente do professor de português Carlos, na época professor de primeira fase. Agindo em um mo(vi)mento, no qual a sua trajetória escolar percorre leituras de gênero que iremos ter o prazer de acompanhar e problematizar. Para tanto, os trechos de fala que aparecerão no decorrer desse texto é parte da entrevista concedida dia 16-11-2012. Pela qual utilizamos do método de “história de vida”, associando a análise do discurso, para pensar as significações e ressignificações das histórias narradas.

Partimos de uma (auto)biografia, na qual o professor contou-nos histórias do início de sua profissionalização, tornando possível perceber a narração das experiências de um corpo masculino lecionando nas series iniciais – grosso modo, comumente – associadas ao lugar de “excelência” do feminino, quando diz;

Eu sou Carlos, professor de português, mais iniciei é, há uns dezessete anos atrás trabalhando como professor de primeira fase. E, essa minha vivência inicial na profissão, ela foi, digamos, um tanto quanto, até constrangedora. Por que sempre houve na, não só aqui falando de Cubati, mais de um modo em geral, uma tendência pra que a primeira fase fosse composta por pessoas do gênero feminino. Então, dificilmente você encontrava um homem nesse contexto. E quando eu comecei, é, num universo de 40 professores, por exemplo, você detectava ali a presença de dois do gênero masculino. Quando você, por exemplo é, saía daqui do município e ia participar de um treinamento, você também acabava tendo um contexto no qual o gênero

<sup>3</sup> Trecho da música “Superhomem – a canção”, composição e música de Gilberto Gil.

feminino prevalecia, predominava. Então, pra mim, pra minha identidade é, aquilo era um tanto quanto desafiador, porque eu gostava, sempre gostei da profissão, mais naquele contexto eu não me sentia totalmente inserido por conta dessa situação de uma presença feminina muitíssimo maior, é como se desse a entender que eu não tinha um papel ali, ou seja, a minha profissão estava deslocada, eu estava deslocado como pessoa num contexto em que a profissão praticamente se resumia ao sexo feminino. É, passei muito tempo nessa primeira fase, até entrar num curso que de alguma forma tem um número também maior de mulheres do que de homem, que é o curso de letras [...].

Uma trajetória de sentimentos confusos que o deslocavam. Logo, como se deu a construção de si, como sujeito de angústia, que aparece nas primeiras experiências do Carlos docente? Que sentimentos arregimentam sua fala? Nesse extratexto, o mesmo colocou que trabalhar com o público infantil era algo gostoso, lhe dava prazer. O que era *desafiador* era dar-se a ver a predominância feminina, não apenas no interior da escola. Sentimento estendido aos treinamentos e planejamentos nas áreas de atuação pedagógica da primeira fase, inclusive, fora da cidade.

Como uma *identidade desafiada*, Carlos em uma fala ansiosa, parece sentir no olhar do outro a denúncia de que aquele não era seu papel, estava em seu não-lugar, significados coercitivos, em um ambiente um tanto quanto inibidor de cruzamentos nas fronteiras de gênero<sup>4</sup>, recodificados sob “invasão de lugares alheios”, estratégias que traduzem o cultural por natural, produzindo “posições-de-sujeito” e, lugares que admitem e excluem.

Jogo de subjetivações, que interfere não apenas no olhar do outro para com Carlos, mas, dele consigo, como sujeito *deslocado* e *fragilizado*. Por *estar* em um quebra-cabeça em que lhe faltam peças. “Falta vagina, não gozo”, pois a anatomia passa por relações de poderes que atravessam não apenas corpos, mas profissões e o que está para além de ambos, sob artifícios que se passam por “pré-existentes”, quanto mais históricos sejam.

(Des)percebe-se que as práticas educativas do identificar-se com a docência na primeira fase não se limita aquilo que está posto como natural em um corpo anatômico, subjetivado por significações e ressignificações de genitálias. Sendo assim, como se construiu essa *história única* do lecionar a primeira fase no *feminino*? Sem as exigências e olhares vigilantes que sobrecarregam o *masculino* exercendo a mesma função. Nesse instante trago de volta a discursividade de Carlos que ensaia justificativas para tais distinções;

---

<sup>4</sup> “A fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto”. Ver: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*/ \_\_\_\_\_. – Belo Horizonte; Autêntica, 2004. p.19.

[...] Nós não tínhamos FUNDEF, nós não tínhamos FUNDEB, e essa profissão ela não dava ao homem a condição digamos de subsidiar uma família, ela, talvez a mulher porque o marido subsidiava a casa e ela trabalhava apenas como um complemento. Mais o homem mesmo teria que buscar uma profissão na qual ele pudesse como sempre foi culturalmente aquela pessoa que mantém a casa, né? Como hoje tem inversões, que agente sabe que essas inversões inclusive se, a situação até se opôs hoje. Então naquele contexto, o homem praticamente não ia pra sala de aula, primeira fase. Hoje nós temos uma situação diferente, se você observar, é, ainda há essa quantidade maior de mulheres na primeira fase, mais são elas talvez que mantenham hoje um poder aquisitivo melhor, né? Então assim, apesar de não haver uma procura muito grande de homens pra primeira fase, pra serem pedagogos. Mais essa questão financeira que talvez explique a presença de um número maior de mulheres na primeira fase, ela se deva em função desse contexto histórico, que num determinado momento é, não era possível um homem sustentar sua família sendo professor de primeira fase. Então assim, em torno de quinze anos você teve essa mudança de situação econômica. Agora quanto ao perfil que forma a primeira fase, ainda, isso ainda não acontece, daí assim, talvez se deva a fatores históricos. Agora a presença masculina é maior, porque ela era praticamente nula, era praticamente inexistente. Hoje não, hoje você já vê é, homens circulando nessa primeira fase. Então quando eu terminei a graduação em letras, que comecei a lecionar na segunda fase, então já comecei a ter um, ter a convivência com o corpo docente mais diversificado [...].

Inversões de papéis que descontroem dadas identidades, entre essas, a de um lugar de provedor, de “chefe da casa”, para o homem que teria sua esposa e família como extensões de completude, ranços de um patriarcalismo (que se projeta ainda hoje em determinados arranjos familiares)<sup>5</sup>. Extensão que secundariza lugares, como o da entrada de “renda” da mulher na casa, (apenas) complemento do salário do homem que, “permite” a mulher dadas profissões, como a de professora do maternal, prolongamento de um lugar cuidador de mãe que já leva de casa<sup>6</sup>.

É uma fala e leitura de espaço que passa por códigos culturais subjetivados nos cenários escolares – mas também para além desses –, que tratam professora por tia, em uma familiaridade que *veda* outros atravessamentos, a exemplo, outros sujeitos, escritas *masculinas* no ato de lecionar

<sup>5</sup> O discurso “infalível” da mulher mãe e cuidadora do lar, dar aporte a estabilidade de um masculino “bem cuidado”. Quando o discurso e as ordens são quebradas, suturadas, meche-se com o “ego-masculino”.

<sup>6</sup> É interessante perceber, que a fala de Alexandro, levanta questões que estão correlacionadas ao início da profissionalização do magistério, ao movimento de aproximação das mulheres e afastamento dos homens, ainda no início do século XX, de uma profissão que não dava ao homem o sedimento da sua masculinidade como provedor. Uma interessante contribuição sobre essas experiências históricas pode ser encontrada em: LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

na primeira infância. Essa mulher só seria pública *em e para* certos lugares legitimados socialmente. O lugar da tia na escola (fora de casa) aparece como extensão do seu papel de mãe e esposa cuidadora (dentro de casa).

Essa mulher, como representação da mãe está então para primeira fase, lugar também da infância, como uma adequação performática. Sendo assim, essa criança que precisa de cuidados, concepções do discurso higienista, que reaparece subjetivado na fala do professor Carlos, é dependente e responsabilidade da *professora*. Aqui, ele historiciza como a escola produziu um discurso de subjetivação da profissão da professora da primeira fase como sendo *coisa de mulher*.

Dito de outra forma, a fala de Carlos, envolve a percepção dos *efeitos* de um mo(vi)mento histórico interessante, sendo esse, o processo transitório da docência na primeira fase, do masculino pelo feminino, do século XIX para o início do XX. No qual, emerge discursivamente, o lugar da professora, sensível e cuidadora, de seus alunos e alunas. Em extensão as imagens de *mulher do lar*, aquela que cuida (também sentimentalmente) e, anula-se, pelo outro (masculino), que re-aparece constantemente como provedor desse espaço.

Além de que, a *feminização do magistério* tem, ironicamente, pela historicização, levantado fortes indícios de ligação com a *desvalorização do magistério*. Tendo como na casa, um lugar secundarizado, a mulher-professora, recebe o referente a um “emprego-pela-metade”, pois – grosso modo – esta não é a provedora do lar. Concomitante a isto, a perspectiva do desestímulo masculino, mediante os baixos salários, deve-se a esse lugar de provedor. Reforçando, ainda mais, as polarizações e naturalizações hegemônicas das relações de gênero.

Essa *feminização da docência*, como propõe Louro (2004), parte da ideia de que as Escolas Normais, quando criadas no século XIX, eram formadas por homens e mulheres, tendo um número de professores, inicialmente, sido maior em determinadas províncias. Porém, em pouco tempo, o estímulo feminino seria o movimento inverso masculino. O desprestígio salarial da profissão docente foi surtindo, o efeito cada vez maior de mulheres entrando na docência, enquanto os homens saíam em busca de outras profissionalizações<sup>7</sup>, que dessem condições de manterem o *lar*.

Logo, falar das condições que deram ao feminino, possibilidades de adentrar a carreira do magistério, é provocante. Buscar, nas relações de poderes, distribuições sociais de gênero dentro das profissionalizações, é pensar também, no caminho percorrido para legitimar o magistério como um espaço que aparece como lugar do feminino, em adequação, as condições e atividades femininas no lar. Figuras cuidadoras e dependentes.

---

<sup>7</sup> Elastecendo essa questão, o movimento de desapego da docência, em alguns casos, relacionava-se a migração para as hierarquias mais altas da educação.

Quase um século depois, Carlos se utiliza de referências sociais e, distribuições de gênero, relacionadas à feminização – desvalorização – do magistério, para justificar a evasão masculina nas séries iniciais. Por vezes, são os baixos salários, a inabilidade de determinados cuidados com a criança e, no caso de Carlos, soma-se, o sentimento de deslocamento, diante de tantas professoras e um número escasso de professores, que redefinem posições-de-sujeitos nesse campo educacional.

Questões, como as que Carlos apresenta, agem codificando esses sentidos, pois trabalha com subjetividades quanto aos arranjos de gênero e família criados sob uma lógica nuclear e natural de ser. Mesmo diante de *inversões* de papéis quanto a quem é o chefe da casa, se homem ou mulher, o que delimita isso são fronteiras *em reais*. Entretanto, mesmo *invertendo-se* e até *opondo-se*, “o homem (que) praticamente não ia pra sala de aula, primeira fase”, ainda não tem com esse espaço uma relação tranquila de pertencimento, mesmo diante das “melhorias salariais” em comparação a década de noventa, que o mesmo narra transversalmente em sua fala.

Ainda não haveria uma equivalência de profissionais homens e mulheres na primeira fase, o que pela fala de Carlos “[...] talvez se deva a fatores históricos [...]”. Historicizamos na tentativa de analisar discursos e, “fatores históricos”, que contribuem para tal cisão, nas relações de gênero, que permeiam a primeira fase da docência e, de forma co-extensiva, em suas ações e colocações dos atravessamentos e distribuições de gênero aos discentes, pais, mães, avós, irmãos e outros responsáveis pelos “pequenos adultos”. Entendendo que essas teias discursivas perpassam os “muros” da escola e mantêm relações de (des)legitimação no *corpo* social.

Eugênio (2010) reforça que, “[...] no entanto, a feminização não deve ser compreendida apenas como a presença maciça das mulheres nos quadros docentes, mas a adequação do magistério às características como cuidado, associadas historicamente ao feminino”<sup>8</sup>. O autor acresce que, é importante termos, de forma concomitante, o cuidado de visibilizar a massificação feminina (mais de 94%) na docência dos anos iniciais, sem invisibilizar a de homens como Carlos.

Como compreender suas trajetórias profissionais e pessoais? É uma questão que passa por diferentes possibilidades de significação, de interesses e discursos sobre o que o levou a adentrar o espaço do magistério que – comumente – é associado ao *dom* feminino. Pelo qual a presença e a visibilidade destas concepções docentes, nas subjetividades de Carlos, podem ressignificar leituras

---

<sup>8</sup> Trata-se de um trecho do artigo de Benedito Gonçalves Eugênio, Doutor em Educação, intitulado: Narrativas de professores homens no magistério dos anos iniciais do Ensino Fundamental, disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278277656> [ARQUIVO NARRATIVASDEPROFESSORESHOMENSNO MAGISTERIODASSERIESINICIAIS.PDF](#). Acesso dia 20-08-2013.

*masculinas* e leituras de vida sobre as *masculinidades*. Em leituras mais abertas e plurais sobre as performatividades que (des)constróem seu lugar de homem e professor.

Redefinindo não apenas o que Carlos elege para a *construção* de sua identidade docente, como alargando a desnaturalização dessas *posições-de sujeito*, que passam como propôs Eugênio (2010), por mutabilidades ao longo da história da Educação no Brasil, que teria tido a figura do homem pai, religioso e público, como os norteadores das iniciações e, processos de formação dos sujeitos, em um patriarcalismo que se estendeu até o final do século XIX. No qual, passa a haver, uma redefinição, e permissão do feminino, como “cuidador” da educação infantil, estreitando subjetividades que atravessam discursos religiosos, escolares e familiares.

Esse movimento, que reconfigura o lugar da mulher pedagogizada, ressignifica os papéis femininos que foram cuidadosamente construídos pelos discursos patriarcais, logo após, médico-higienista, que se consolidam no século XIX e se estende sem maiores rompimentos até a década de 1970 do século XX.

Um feminino lido no singular, que passava por um *termo de acordo* como menciona Costa<sup>9</sup>, “lugar comum e natural”. Com os movimentos de reivindicações feministas, gays, lésbicas, entre outros, há como coloca Costa (2013), a partir dos últimos trinta anos, uma transformação significativa nessas re-distribuições. Desde a ideia de uma liberdade libidinal feminina até a passagem de uma educação do status para a de desejo.

Sendo assim, o que se modifica, (assim como o que se cristaliza) tem historicidade e merece ser tratado além de essencialismos naturalizados, que se normatizam institucional e subjetivamente, marcando corpos, lugares de sujeitos e posições de gênero, as quais elasteço, pensando outros espaços docentes, ocupados por Alexandro, na mesma escola, que talvez, resignifique as identidades de gênero e, os limites, confrontos, cruzamentos e nodoas, desse espaço relacional, entre homens e mulheres, em gênero, número e grau.

Na saída desse “lugar comum” de cuidadora, muitas mulheres deslocaram suas posições quanto ao prazer, profissão, publicização e, isso de alguma forma movimentam novas sensibilidades e lugares masculinos. Talvez, seja silenciosamente esse, o sentido que a fala de Carlos projeta, quanto à atuação do masculino na primeira fase, como uma prática mais presente. Tais vieses históricos abrem possibilidades, para entender, como novas subjetividades e discursividades vêm agindo fora

<sup>9</sup> Ao falar em *termo de acordo* me remeto ao uso feito pelo psicanalista Jurandir Freire Costa em uma conversa no “café filosófico” que tinha como eixo de discussão “Sociedade Contemporânea: vida, perigos, oportunidades”, quando tratava de certos lugares de “conforto” localizáveis construídos para/nas famílias nucleares. Como o papel de cuidadora e dessexualizada mulher-mãe que vem nos últimos trinta anos passando por significativas alterações. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/2013/07/19/o-filho-e-o-casamento-jurandir-freire-costa/>. Visualizado dia 24-09-2013.

de escola e como essas transformações vem atingindo seu interior ressignificando certas práticas docentes, porque não dizer, ressignificando identidades de gênero na escola.

Após cursar Licenciatura em Letras, Carlos transita do pedagogo da primeira fase, para o professor de português do Fundamental Maior, que por sua experiência, trata-se de *um corpo docente mais diversificado*. Com expressões e falas mais leves, parecia narrar outro contexto, quebrando com o *constrangimento* e *deslocamento* que o rondava quando professor dos anos iniciais. Em sua sequência discursiva, não parecia mais sentir necessidade de narrar a si e, justificar *estranhamentos*, ou do corpo docente que o cercava ou de si mesmo imerso nele.

## Conclusão

Tais provocações de gênero, remetem a uma redefinição não apenas dos papéis, identidades ou identificações (HALL, 2000) dos sujeitos para com aquilo que precede, localiza e identifica a estes, mas que pulveriza uma rotina normatizada em seus corpos. Trânsito discursivo que permite pensar os sujeitos para além dos modos de vida que, parecem precedê-los, como algo que representa o “normal”. Entretanto, as subjetividades que constroem certos apegos e anseios, em Carlos, foram construídas por ritmos e discursos que se somam em experiências pessoais e profissionais. “[...] O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...]”<sup>10</sup>.

Para Louro (2004), tal normalização das identidades sexuais e de gênero, ganha um destaque extraordinário em discursos que homogeneizam. A escola se empenha absurdamente em garantir que seus meninos e meninas tornem-se homens e mulheres “verdadeiros”, ou seja, que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade. Acionando nos sujeitos, a partir de “órgãos naturais”, marcas sociais, viagens sobre gênero – mas, também – raça, etnia, profissões ou aptidões que podemos, ou melhor, devemos questionar. Entre outras coisas, para refletir; mas o que é ser homem e mulher aqui na minha casa ou ali na escola que leciono?

Whitelaw (2000) abriu seu artigo intitulado “Questões de Gênero e Educação”, dizendo que “a relação do indivíduo com a educação é, por conseguinte, claramente uma relação *gendrada*, isto

---

<sup>10</sup> Essa reflexão sensível que Larrosa faz me seduz, e permitindo, seduzirá você, a uma releitura das nossas próprias subjetividades contadas, escritas, rabiscadas, porque vividas. Ver: LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86. Disponível em: <http://grupodec.net.br/ebooks/TecnologiasdoEuEducacaoLarrosa.pdf>.

é, afetada pelo gênero”<sup>11</sup>. Como parte da identidade pessoal, gênero não se mostraria apenas nos comportamentos – mas, também – em instituições e práticas que (des)qualificam o sujeito. Nesse sentido, conseguimos acompanhar trechos de uma vida, que também se constrói na docência e aciona uma série de justificativas aparentemente naturais sobre que profissão corresponde ao homem ou a mulher e as relações de pertencimento e deslocamento quando ocorre o atravessamento dessas “fronteiras”.

No mais, esperamos ter provocado uma releitura dos espaços habitados por nós e por outros. Sejamos professores ou não, a escola agiu em nossas vidas e na vida de pessoas que nos cercam como um espaço significativo de formação intersubjetiva. Seus lugares cômodos e rotineiros merecem uma leitura a contrapelo por entendermos a diversidade que a compõe, sendo assim, que novos agenciamentos e problematizações sobre a escola surjam, inclusive no campo historiográfico, em uma tentativa saudável e constante de questionar padrões de gênero pré-estabelecidos socialmente.

## Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. FGV Editora, 2005.

BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos anos dourados”. In: *História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. De textos)*. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. “Narrativas de professores homens no magistério dos anos iniciais do ensino fundamental”. In: *Fazendo gênero 9: Diásporas, Diversidades. Deslocamentos*, 2010. **Anais...** [S.I], p. 1-9. Acessível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278277656\\_ARQUIVO\\_NARRATIVASDEPROFESSORESHOMENSNO MAGISTERIODASSERIESINICIAIS.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278277656_ARQUIVO_NARRATIVASDEPROFESSORESHOMENSNO MAGISTERIODASSERIESINICIAIS.pdf).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

---

<sup>11</sup> Esse artigo parte de experiências de pesquisas desenvolvidas em escolas públicas de João Pessoa, capital da Paraíba, transversalizando, questões de gênero e sexualidades. Para mais ver: WHITELAW, Sarah A. “Questões de Gênero e Educação”. In: *Consciência de gênero na escola/ (Organizadora) Maria Eulina de pessoa Carvalho [et AL]*. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000, p.34.



LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*/ Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Thomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*/ \_\_\_\_\_. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WHITELAW. Sarah A. “Questões de Gênero e Educação”. In: *Consciência de gênero na escola*/ (Organizadora) Maria Eulina de Pessoa Carvalho [et AL]. – João Pessoa: editora Universitária/ UFPB, 2000. 85p.

Como citar artigos da net:

